



Fantasia guardada por mais um tempo

Com o cancelamento da folia nas ruas e o adiamento dos desfiles das escolas de samba, mareenses apaixonados por carnaval compartilham seus planos e lembranças de outrora. **PÁGINAS 10 E 11**

Conheça Jedai, cria de Marcílio Dias e roteirista/ produtor de webseries

PÁGINA 3

Mareenses buscam soluções e cobram mais unidades para o ensino infantil

PÁGINAS 4 E 5

A vida de um síndico da Maré: a profissionalização desta atividade, muitas vezes não remunerada

PÁGINAS 14 E 15

‘Nova Veneza’

Por que a Nova Holanda sempre sofre com alagamentos depois de tempestades e o que pode ser feito para amenizar o problema?

PÁGINAS 6 E 7

MATHEUS AFFONSO



BIRA CARVALHO



Reverência ao cronista

Bira Carvalho nos deixou em novembro de 2021. Mas seu legado será sempre lembrado e sua luta celebrada: nosso fotógrafo "rueiro" representa a celebração da potência da periferia.

PÁGINAS 8 E 9

EDITORIAL

A edição 133 do Maré de Notícias aborda a nostalgia e o amor pelo carnaval. Graças ao avanço da vacinação, vivemos um período de menos restrições, mas ainda não é hora de esquecer os cuidados. Por isso, os apaixonados pelas escolas de samba vão ter que esperar um pouco mais. A previsão inicial é que a folia na Sapucaí ocorra em abril. O carnaval de rua segue cancelado e, a princípio, só retorna em 2023, mas alguns eventos (com participação limitada dos vacinados) buscam ajudar a matar as saudades em diversas partes da Maré.

Mesmo com a chegada das vacinas e os resultados da imunização da população, ainda vamos sentir os impactos desta pandemia por muitos anos. A matéria que ocupa as páginas 4 e 5 volta a tocar em um assunto sensível por sua importância: a educação. Uma pesquisa da Redes da Maré revelou qual a dimensão dos danos causados pelas restrições impostas à população aos estudantes do ensino público do Rio de Janeiro. A segunda fase do estudo se concentrou em 13 escolas públicas da Maré.

Quando se fala em síndico, as pessoas costumam pensar em duas coisas: na icônica música de Tim Maia e nos problemas dos condomínios. Com um olhar sensível, o repórter Hélio Fernandes captou um aspecto diferente destes profissionais: a relação de cuidado de síndicos da Maré com o espaço onde vivem e a noção de coletividade, mesmo sem receber remuneração alguma pelo serviço. A reportagem ocupa as páginas 14 e 15 do jornal.

Estudantes do Laboratório Conexão UFRJ (parceria do Maré de Notícias com a Universidade Federal do Rio de Janeiro) dissecam o problema dos alagamentos na região mais populosa do conjunto de favelas: a Nova Holanda. A reportagem das páginas 6 e 7 busca as causas do problema crônico da favela em dias de muita chuva. Spoiler: tem a ver com mudanças climáticas, saneamento básico e a escassez de espaços verdes.

Tem homenagem, tem perfil, tem cobrança de serviços... Esperamos que você receba a edição de fevereiro com muita saúde e que se sinta representado(a). Caso queira dialogar conosco, o canal está sempre aberto: basta chamar a gente no WhatsApp (21) 97271-9410 e mandar sua sugestão, sua reclamação ou um elogio. Desejamos a todos uma ótima leitura!

Acompanhe o **Maré de Notícias** na internet!



@maredenoticiasoficial



@maredenoticias



@MareNoticias



(21) 97271-9410



contato@maredenoticias.com.br



www.mareonline.com.br

CHARGE - NANDO MOTTA



HUMOR

Um morador da Vila do João reclama com um amigo que não conseguiu dormir na noite anterior: "Matei um pernilongo e depois disso passei a noite acordado." O amigo, sem entender, pergunta por que; sem o zumbido irritante do inseto, ele deveria ter conseguido dormido em paz.

"O problema é que, depois de matar o mosquito, os familiares e amigos do pernilongo vieram para o velório."

ENVIE SUA POESIA,
FOTO, RECEITA
OU PIADA. ESTE
ESPAÇO É SEU!

contato@maredenoticias.com.br

EXPEDIENTE

REALIZAÇÃO:

redes da **maré**

PARCERIA:

actionaid

MARÉ
DE NOTÍCIAS

R. Sargento Silva Nunes, 1012
Nova Holanda - Maré
Rio de Janeiro - RJ - CEP: 21044-242
www.mareonline.com.br
maredenoticias@gmail.com
contato@maredenoticias.com.br

APOIO:

16 Associações de Moradores da Maré
Campanha Climão
Casa Preta da Maré
Centro de Artes da Maré
Espaço Normal

EDITORA EXECUTIVA E
JORNALISTA RESPONSÁVEL

Daniele Moura
(Mtb 24422/RJ)

EDITORES

Edu Carvalho

Tamyres Matos

(Mtb 32434/RJ)

COORDENADORES DE
DISTRIBUIÇÃO:

Arthur Viana

Henrique Gomes

Luiz Felipe de Oliveira

Bacelar

DISTRIBUIDORES:

Antônia Valéria Lins e Silva

Cristiane dos Santos

Jonathan Ribeiro Da Cruz

Lucas Frederico Brandão

Leonardo da Silva

Marcela Ferreira Silva Gomes

Marcelo Sergio Silva Braz

Pedro de Oliveira

Valdemir Gomes da Cunha

Júnior

COLABORARAM NESTA
EDIÇÃO

Data_Labe

Edu Carvalho

Gracilene Firmino

Hélio Euclides

(Mtb 29919/RJ)

Tamyres Matos

(Mtb 32434/RJ)

FOTOGRAFIA

Douglas Lopes

Matheus Affonso

Sammi Landweer

REVISÃO

Julia Marinho

PROJETO GRÁFICO

Mórula_Oficina de ideias

DIAGRAMAÇÃO

Filipe Almeida

IMPRESSÃO

Parque gráfico da Infoglobo

TIRAGEM

50 mil exemplares

OS ARTIGOS ASSINADOS

REPRESENTAM A OPINIÃO

DO JORNAL.

PERMITIDA A REPRODUÇÃO

DOS TEXTOS, DESDE QUE CITADA

A FONTE.

GARANTA O SEU JORNAL!

O Maré de Notícias é entregue de porta em porta nos 47 mil domicílios das 16 favelas da Maré. Se por acaso não chegar na sua casa, avise-nos pelo WhatsApp (21) 97271-9410, via redes sociais (@maredenoticias) ou ainda pelo email contato@maredenoticias.com.br e confira se na associação de moradores de sua favela não tem um exemplar para você. Ajude-nos a melhorar nossa distribuição! Contamos com todos os mareenses!

“Na favela aprendi a ser quem eu sou”

Mareense, paraibano e escritor, Jedai imprime em seus roteiros o cotidiano dos territórios

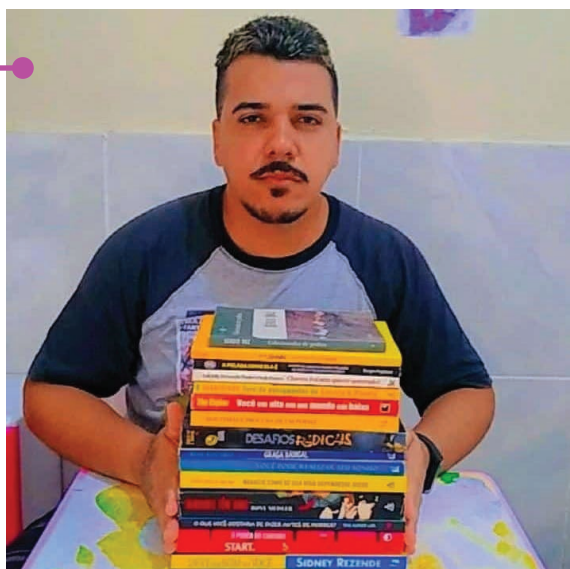
GRACILENE FIRMINO

Jornalista, poeta, compositor e roteirista, **Anderson Gonçalves Vieira** — conhecido por todos como Jedai — brinca que, às vezes, até esquece seu nome de origem. “Meu nome é Jedai, e meu apelido é Anderson”, diz, rindo. É dele o roteiro da websérie *É o Complexo*, que conta a história de Bom Cabelo e Tio Pac, moradores do Complexo do Alemão que lutam contra o preconceito territorial, os estigmas, as dificuldades para arranjar trabalho e as situações de vulnerabilidade social com as quais quem mora na favela convive diariamente. Transmitida pelo YouTube no canal de mesmo nome, *É o Complexo* já conta com 11 episódios e 150 mil visualizações.

“Diversos assuntos são abordados na série, como o envolvimento da juventude na criminalidade, políticas públicas, danos causados pelas drogas, violência doméstica, maternidade precoce, preconceito territorial, trabalho informal, depressão, ansiedade, entre outros”, diz Jedai. A maioria dos atores da série são moradores do Complexo do Alemão, assim como seus criadores, Leonardo de Jesus e Ricardo dos Santos por, que são nascidos e criados no território. Por isso, a série foi toda ambientada e gravada na comunidade da Zona Norte do Rio. A escolha do formato visou à distribuição. “A websérie é fácil de produzir e colocar na internet, o alcance é muito maior”, conta o roteirista.

Da Paraíba para a Maré

Aos 33 anos, Jedai é natural da Paraíba e não esconde o orgulho de ser nordestino. “Nasci na terra de Suassuna, Juliette, Gkay, Chico César, Zé Ramalho... Não pedi pra nascer na Paraíba, eu tive foi sorte!”, diz a cria da Favela da Kelson's, no conjunto Marcílio Dias. De Campina Grande, ele veio para o Rio de Janeiro ainda bebê. “Viagem de ônibus, três dias na estrada, e eu tinha apenas um mês. Minha mãe diz que o motivo da migração para o Rio foi a busca por melhores condições de vida e trabalho.” E foi no conjunto de favelas da Maré que a família encontrou acolhimento (segundo o censo populacional da Maré, existem mais de 14 mil parai-



ARQUIVO PESSOAL

banos nas 16 favelas).

Apesar de hoje em dia não morar mais na Maré, Jedai sempre está circulando pelo território. “Ainda moro muito perto da Maré, praticamente do lado. E é o que eu digo: quem nega sua raiz, nega a si mesmo. Foi na favela que aprendi a ser sagaz, ficar na atividade, não fazer mal a ninguém, ter empatia, me colocar no lugar do próximo — lá eu aprendi a ser o que sou. A Kelson's me forjou”, diz ele, grato pelo pedaço do Rio que o acolheu.

Talento multimídia

A carreira de escritor e roteirista de Jedai começou de maneira despreziosa: ele foi convidado a participar da Festa Literária das Periferias (Flup) e fato de ser cria de favela não o impediu de crescer na profissão. “Consegui emplacar um poema em um livro físico e, a partir daí, vi que tinha talento

com a caneta. Por incrível que pareça, nunca sofri preconceito por ter vindo da favela, sou muito respeitado pelo que faço”, conta.

Jedai ainda assina algumas músicas interpretadas pelo MC Jamil e parte do roteiro da websérie *Assalto Perfeito*, do youtuber e escritor Renan RIO ainda a estrear, além dos episódios de *É o Complexo*, produzida pela Jayzz Produções e gravada pela Direct Q websérie tem criação assinada por Leonardo de Jesus e Ricardo dos Santos, com a direção de Gabriel Machado.

E ele já está cheio de planos para 2022. “Sou responsável por organizar os Workshops do Rei das Unhas, colocar ele nos jornais, e ser o cara do marketing de relacionamento. Este ano estarei envolvido num grande projeto com ele, mas ainda não posso dar spoiler (risos). Acompanhem as redes sociais, no Instagram, é @reidasunhasoficial”, indica.

E já está cheio de planos para 2022. “Vou roteirizar dois documentários este ano. Um com o Douglas Andrade, jovem lutador de boxe da Kelson's, e outro com o Rei das Unhas, intitulado *Da laje ao palácio*. Ambas as produções vão contar as histórias de vida desses protagonistas que lutaram muito para chegar onde chegaram e que são crias da Maré. O do Rei das Unhas já começa a ser gravado agora em fevereiro e o do Douglas estamos acertando os últimos detalhes”, conta.



REPRODUÇÃO

Frame da abertura da websérie *É o Complexo*, roteirizada por Anderson Gonçalves Vieira, conhecido como Jedai

Onde está a creche?

Moradores da Maré reivindicam mais unidades para o ensino infantil

HÉLIO EUCLIDES

“Tive que matricular meu filho em uma creche bem longe de casa. É preciso construir berçários”, reclama Juliana Abreu, que, como outros moradores da Praia de Ramos e Roquete Pinto, sofrem com a falta de creches para crianças de zero a três anos. Em Marcílio Dias a situação ainda é pior: a favela só conta com uma escola que atende apenas da primeira à quarta série. O projeto do Campus Educacional da Maré não beneficiou as três favelas mais distantes.

A Constituição Brasileira diz, no seu Artigo 208, que o dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de atendimento em creche e pré-escola de crianças de zero a cinco anos. O mesmo é dito nos artigos 4, 29 e 30 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e no artigo 54 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Apesar disso, na Praia de Ramos só existe o Espaço de Desenvolvimento Infantil (EDI) Armando de Salles Oliveira, que recebe alunos também da Roquete Pinto, atendendo cerca de 420 crianças na faixa etária acima de três anos, divididas em dois turnos. Este ano, foram abertas apenas cem vagas, o que não resolve a necessidade dos moradores. As mães de crianças abaixo de três anos precisam procurar unidades escolares do ou-



Fachada da Creche Popular Hotelzinho, creche e pré-escola criada para atender a comunidade de Marcílio Dias

tro lado da Avenida Brasil. O Conselho Tutelar de Bonsucesso frequentemente recebe reclamações, e sua resposta é, geralmente, indicar a 4ª Coordenadoria Regional de Educação para que as crianças sejam encaminhadas para outras unidades que atendam a essas faixas etárias. **Rosinaide de Oliveira**, moradora da Praia de Ramos, não conseguiu vaga perto de casa e deixa a filha de cinco anos com a irmã mais velha. “Tinha que ter outra creche aqui, onde antes era uma lona cultural, que virou estacionamento. O EDI daqui só recebe crianças a partir de três anos, então as mães precisam improvisar até os filhos chegarem nessa idade e depois, torcer para conseguir uma vaga”, diz.

Alguns responsáveis da Praia de Ramos e Roquete Pinto tentam por seus

filhos numa creche conveniada da Prefeitura que fica fora das favelas. Mas nem todos conseguem vaga. “Precisamos muito de um espaço público perto de casa para deixar nossos filhos. Para piorar, o EDI daqui funciona em dois turnos, o que não soluciona a vida de quem trabalha. No turno que a criança não está na creche é preciso pagar alguém para ficar com ela. Já vi muitas mães com dificuldade de deixar os fi-

lhos para trabalhar. Tem umas que pagam transporte para levar as crianças em creches longe das favelas”, comenta **Jacira Lima**, moradora da Praia de Ramos.

Criatividade x adversidade

A favela de Marcílio Dias já teve uma creche conveniada da Prefeitura, que dava suporte aos responsáveis com crianças pequenas. Com o fim do contrato, a creche se



Espaço de Desenvolvimento Infantil Armando de Salles Oliveira serve a alunos da Praia de Ramos e da Roquete Pinto



MATEUS AFFONSO

Sílvia Regina é diretora e fundadora do Hotelzinho das Crianças, iniciativa comunitária para atender Marcílio Dias

transformou em particular e a favela ficou sem uma unidade gratuita. **Sílvia Regina**, professora e fundadora do Projeto Belo Herança, diz que sem a creche não há socialização escolar e afinidade com o caderno: “Aqui é um lugar sem muitas expectativas, com déficit educacional muito grande. Em Marcílio só há disponibilidade do miolo educacional, faltando a creche, a Pré-escola e o Ensino Fundamental II. O único colégio [a Escola Municipal Cantor e Compositor Gonzaguinha] só comporta 293 alunos e abre somente 60 vagas por ano”.

Regina explica que um responsável na favela precisa fazer um tour diariamente: acordar cedo, caminhar até a passarela da Avenida Brasil, atravessá-la e seguir até a Penha para deixar os filhos em uma creche pública, antes de ir para o trabalho. Na volta do serviço, a rotina é igual, nos últimos quatro anos. E ainda precisa ter sorte para conseguir uma vaga na escola local. “Ainda há casos em que a criança fica com o irmão mais velho, com um vizinho ou parente. Muitas crianças de até cinco anos vagam pela rua o dia inteiro, que futuro ela terá? A creche pública é um direito assegurado por lei. As creches privadas da favela chegam a cobrar mensalidade de R\$ 400, algo longe da realidade local”, lamenta.

Para remediar a situação, Regina criou o Hotelzinho das Crianças, creche e pré-escola comunitárias.

Num prédio de três andares dentro de Marcílio Dias, 15 crianças matriculadas ou hospedadas, como ela prefere chamar, estudam, dormem e se alimentam com refeições balanceadas, fartas de legumes e verduras. Durante o dia, outras crianças da favela buscam abrigo no espaço. Cinco profissionais tomam conta dos pequenos, que chegam antes das seis da manhã; muitos só vão embora às sete da noite.

“Sem dinheiro, com a cara e a coragem, alugamos um imóvel. O objetivo é que as crianças sejam tratadas com dignidade. No hotelzinho, elas aprendem a socializar, a ter higiene, a cuidar dos brinquedos, fazem atividades e exercícios. Eu quero que a Prefeitura me veja como uma aliada. Como ajuda de custo, o responsável colabora com R\$ 150 mensais, e é só isso: não tenho apoio de nenhuma empresa. É uma luta todo mês”, conta. O hotelzinho sobrevive com doações de amigos, que ajudam com alimentos.

Falta de creche é realidade nacional

Segundo dados do Censo 2010, o percentual de mães não atendidas pelas creches chega a 41,2%. A oferta de cuidado em tempo integral é fundamental para permitir que as mulheres consigam conciliar casa e trabalho ou estudo. No ano passado, a Fundação Maria Cecília Souto Vidigal lançou o Índice de Necessi-

dade de Creche (INC), indicador que mostra a real demanda por unidades de educação infantil em cada município brasileiro. A pesquisa revela que o acesso às creches é um dos temas centrais no campo do direito à educação no Brasil.

Em 2014, foi aprovado o Plano Nacional de Educação (PNE) que previa alcançar, em até dez anos, metas como ampliar a oferta de educação infantil em creches de forma a atender, no mínimo, 50% das crianças de até três anos. No caso do Rio, a necessidade é ainda maior: 53,8%, segundo dados do INC. Também de acordo com o último censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o município do Rio tem 441 mil crianças entre zero e seis anos.

Heloísa Oliveira, diretora de relações institucionais e governamentais da Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, diz que, pelo percentual de atendimento, não há vagas suficientes para atender os pais do Rio de Janeiro. “Há um grande desafio para os municípios de modo geral, que é identificar a demanda nas comunidades mais pobres. O que percebemos é que muitas famílias estão sem atendimento nesses locais e não são visibilizadas pelas prefeituras. Por isso, estamos trabalhando nesse sentido, inclusive apoiando um projeto de lei que obriga as prefeituras a apurar anualmente as demandas, fazendo uma consulta pública. Só assim é possível se planejar e saber o quanto tem que ampliar essa oferta e, claro, lutar para que seja um serviço de qualidade”, avalia a coordenadora.

Para 2022, ela afirma que a educação é uma prioridade e tem que estar em todas as propostas de candidatos a qualquer cargo público. Por isso, os eleitores precisam escolher quem vai priorizar temas relevantes para a sociedade, com propostas objetivas.

A **Secretaria Municipal de Educação** informou que no território da Maré a educação infantil é atendida por sete creches municipais, 14 EDIs e cinco creches conveniadas.

Alagamentos na Maré: Nova Holanda ou Nova Veneza?

Viver as consequências das fortes chuvas no Rio de Janeiro é um problema que acompanha os moradores da Maré ao longo dos anos

BIANCA OTTONI E STHEFANI MAIA*

Se uma máquina de teletransporte existisse, alguém poderia jurar que chegou a Veneza, cidade italiana, ao pisar na Nova Holanda, depois de uma chuva forte. Sim, as semelhanças entre as duas regiões existem: ambas foram aterradas e são alagadiças.

Com tantos alagamentos, a impressão que se tem é de que a Nova Holanda está abaixo do nível do mar. Mas, na verdade, não está. O relatório *Áreas da cidade passíveis de alagamento pela elevação do nível do mar*, lançado pela Prefeitura do Rio de Janeiro em 2008, mostra o contrário. A pesquisadora, arquiteta e urbanista **Carolina Galeazzi** explica: “Mínimas áreas se encontram abaixo de 1,5 metro, que são passíveis de alagamento, mas não estão abaixo do nível do mar. Uma dessas áreas está na Nova Holanda. No entanto, a maioria da Maré está acima de 1,5 metro com relação ao nível do mar.”

Assim como muitas áreas da Maré, a Nova Holanda foi construída sobre um aterro. “Temos inúmeros registros de antigos moradores e suas casas de palafitas que ainda hoje são uma das principais características históricas do conjunto de favelas da Maré”, conta **Lorena Froz**, moradora da Nova Holanda e mobilizadora do Eixo Desenvolvimento Territorial, da Redes da Maré. No entanto, hoje, esse fato se transformou em um alerta



Especialmente no verão carioca, temporais atingem a Nova Holanda e se convertem em dor de cabeça para quem mora na comunidade

para os moradores. Como a água dominava a área ocupada pela Maré, existe a possibilidade de, um dia, ela reivindicá-la de volta por conta da falta de escoamento correto durante os temporais tão comuns no Rio. “O fato de ser um aterro pode se relacionar com as enchentes. A Maré se encontra em uma zona costeira de baixa elevação para onde alguns rios, hoje aterrados ou canalizados, corriam”, explica a urbanista.

Ação humana

A interferência humana resultou, em muitos casos, em prejuízos ao meio ambiente – incluindo alagamentos e inundações. Os efeitos do aquecimento global (aumento da temperatura média na atmosfera e nos oceanos) contribuíram para a ocorrência de chuvas mais fortes e aumentaram as chances de alagamento em pontos

críticos do espaço urbano. A poluição é outro fator a se considerar, já que o descarte indevido de lixo pode entupir bueiros, impedindo o escoamento da água da chuva acumulada nas ruas. Outro ponto importante é o desmatamento, pois a vegetação reduz a velocidade com que a água atinge o solo e traz firmeza à terra através do enraizamento, impedindo que ocorram deslizamentos.

A área onde hoje se ergue a Nova Holanda já era alagada naturalmente; agora, com a ocupação, a água da chuva quase não tem por onde ser escoada. “A Nova Holanda é coberta por asfalto, o que deixa o solo completamente impermeável; os rios, que já viraram valões, também não dão mais conta”, diz Lorena Froz.

Essa impermeabilização, junto com a verticalização, as poucas áreas

verdes, entre outros aspectos, são as principais causas do fenômeno conhecido como ilhas de calor. Mas, na verdade, elas agravam um problema maior: as variações climáticas. “A Maré, como parte da cidade, tem formações de ilhas de calor. Mas o aumento da intensidade das chuvas no Rio de Janeiro pode estar relacionado às mudanças climáticas, como o aquecimento global”, aponta Carolina. Quanto aos principais problemas relacionados aos alagamentos, Lorena destaca “a pouca quantidade de bueiros nas ruas e a falta de manutenção dos existentes”.

Alagamentos frequentes

O aumento da população da Maré e o grande número de construções sobrecarregaram o sistema de coleta de esgoto e de chuva, o que pode ter comprometido as tubu-



ELISANGELA LEITE

Os alagamentos na Maré estão relacionados ao aumento da população e ao grande número de construções sobrecarregaram o sistema de coleta

lações e prejudicado sua estrutura física, diminuindo sua capacidade de dar vazão ao excesso de água. É o que conclui Carolina Galeazzi: “As possíveis obstruções na rede de escoamento da chuva, como ligações da tubulação de esgoto na rede de águas pluviais, lixo acumulado nas bocas coletoras (normalmente, despejado em local não apropriado e arrastado para os bueiros durante os temporais) e seu consequente entupimento são alguns fatores que podem causar o alagamento de ruas e avenidas em dias de chuva.”

Os períodos de chuva forte na Maré preocupam a população (principalmente pelo histórico de alagamentos no território) principalmente pela falta de implementação de políticas públicas na área, como saneamento básico. Segundo o presidente da Associação de Moradores da Nova Holanda, Gilmar Junior, as ruas mais afetadas são Bittencourt Sampaio, Sargento Silva Nunes, Principal, Teixeira Ribeiro, Tancredo Neves e Esperança.

Quando se fala nos riscos que os alagamentos representam, é necessário ter consciência de que eles vão além da perda de bens materiais. Isso porque a água parada atrai mosquitos, ratos e baratas, aumentando as chances de transmissão de doenças. Mas, afinal, é possível alertar os moradores antes dos alagamentos? Carolina garante que sim; segundo ela, é preciso “acompanhar as previsões meteorológicas e observar qual é a quantidade de chuva que cai em determinado espaço de tempo”. Tal monitoramento pode antecipar os prejuízos e ajuda a diminuir o risco de infecções dos moradores. Ou seja, “com um bom planejamento de saneamento e esgotamento sanitário, pelo menos metade desses problemas poderia estar resolvido”, conclui Lorena.

Realidade dos moradores

Ideias para solucionar os problemas não faltam. Segundo Lorena Froz, “um sistema de esgotamen-

to sanitário para todos os moradores, programas de revitalização dos espaços do território e monitoramento dos valões de todas as favelas da Maré, um programa de coleta de lixo que converse com a realidade dos moradores, manutenção periódica das caixas de ralo e desobstrução de aquedutos da região – os caminhos são vários e conhecidos”.

Enquanto isso não ocorre, Carolina sugere que a população se una tanto para exigir do poder público um projeto que amplie as redes coletoras de esgoto e de drenagem na Maré como para conscientizar os moradores a não fazer ligações clandestinas na rede pluvial nem jogar lixo na rua. “É possível, também, aumentar as áreas permeáveis, por onde a chuva possa escoar, ampliando áreas de jardins e hortas ou construindo jardins de chuva, por exemplo, que estocam parte da água antes de ela escoar. Também é possível coletar a água da chuva dos telhados e usá-la para molhar

as plantas e a própria rua em dias de calor”, recomenda a urbanista.

Existe a possibilidade de que, algum dia, essa água alagada não escoe? “Essa situação deixou de ser uma possibilidade e já é uma realidade iminente”, diz Lorena. E Carolina completa: isso já acontece em alguns lugares, mas pode piorar se o aquecimento global avançar a ponto de aumentar a intensidade das chuvas e o nível da água do mar. O cenário pode ser agravado, também, “se as pessoas não se conscientizarem que precisam cuidar do seu lugar, sem esperar pela ampliação da coleta de esgoto e da drenagem”, reforça a arquiteta.

Como a máquina de teletransporte ainda não existe, quem pisa na Nova Holanda está, de fato, em terras mareenses. Carolina desvenda a grande diferença entre a comunidade da Maré e a cidade de Veneza: “Pode-se dizer que os alagamentos em Veneza são porque a cidade ‘afundou’ alguns centímetros devido à exploração dos poços artesianos como ocorre na cidade do México”. Por fim, um alerta: “Em Veneza, o nível do mar aumentou, fazendo com que, em épocas de maré alta, a cidade alague: o que ainda não é a causa dos alagamentos na Maré, mas que pode vir a ser, se o aquecimento continuar.”

(*) Bianca Ottoni e Sthefani Maia são estudantes universitárias vinculadas ao projeto de extensão Laboratório Conexão UFRJ, uma parceria entre o Maré de Notícias e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Bira Carvalho, sempre presente!

A Maré perdeu um dos seus símbolos. Bira Carvalho é a cara da Maré. O fotógrafo nos deixou em 29 de novembro de 2021. Em tempos de tantas despedidas, trabalha-se com ainda mais força e fé no etéreo, na eterna batalha contra os fios contados do tempo. Sempre queremos preservar as marcas que nos tornam únicos. Considerado um cronista das periferias do Rio de Janeiro, Ubirajara — cujo apelido praticamente virou nome de batismo — era uma liderança comunitária combativa. Suas pegadas se confundem com a trajetória do maior conjunto de favelas do Rio de Janeiro e seus mais de 140 mil habitantes.

No seu perfil do Facebook, Bira escreveu em sua biografia: “O guerreiro da tribo do Leão de Judá.” Na Bíblia, o “Leão de Judá” é Jesus Cristo. Sua fé sempre caminhou lado a lado com seu inconformismo social. Ser um homem de fé significava, para ele, se importar ainda mais com a comunidade onde cresceu. Enga-

BRENNNO SANTOS



Bira não parava quieto: sua paixão era estar nas ruas, sempre vivendo a Maré de forma muito intensa e atuante na cidade como um todo e, especialmente, nos diversos coletivos espalhados pela periferia da capital fluminense. O fotógrafo nasceu em Niterói, região metropolitana do Rio, mas chegou à Nova Holanda aos 5 anos. Aos 22 anos foi atingido por um tiro e passou a vivenciar, além de todos os outros, os desafios de ser uma pessoa com deficiência na periferia.

Bira era o coordenador da Imagens do Povo, agência de fotografia do Observatório de Favelas, e sempre foi uma figura reconhecida nas diversas ações no território,

favelada é pensar no Bira Carvalho. Ele é, sem dúvidas, uma das maiores referências das gerações de fotógrafos que o conjunto de favelas já formou, não só pelas suas fotos em si, que são documentos muito importantes que retratam diferentes Marés que não existem mais. Moradores registrados com a mais pura sensação de liberdade e afetividade que possuímos e, muitas das vezes, não nos damos conta que ela existe. Será atemporal, seus registros nos acompanharão por muito e muito tempo”, afirmou, em homenagem, o jovem fotógrafo mareense **Arthur Vianna**.

Pensando bem, as lentes da fé podem nos fazer alterar a frase que abriu esse texto. Em vez de afirmar que perdemos Bira enquanto símbolo, podemos dizer que estamos a caminho de eternizá-lo. Como tantos amigos e admiradores compartilharam, seja nas redes sociais ou nas conversas à moda antiga, Bira está fazendo falta.

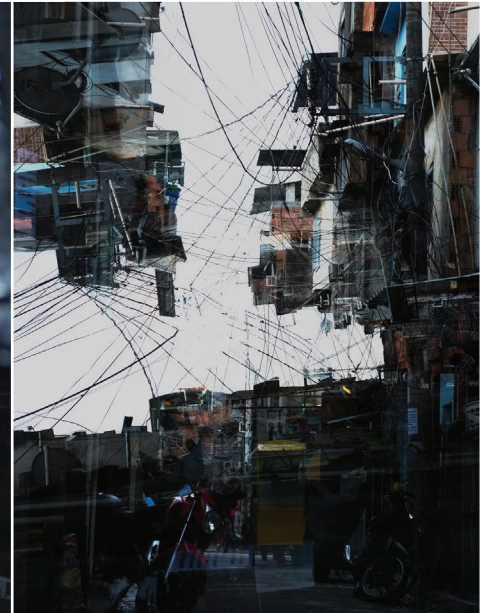
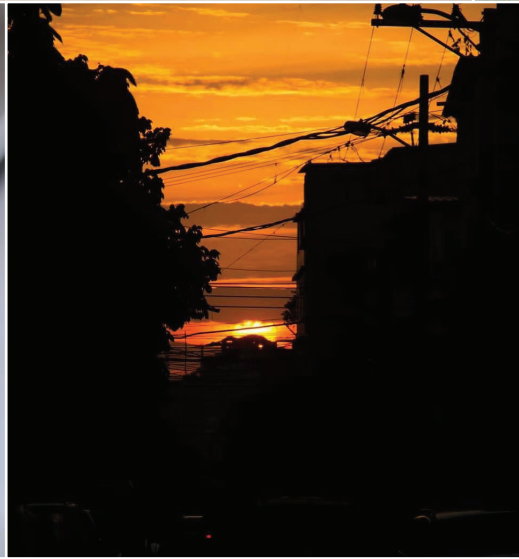
Confira um pouco do trabalho do cronista da Maré na próxima página.

RENE JUNIOR



Em homenagem ao fotógrafo “rueiro”, a página do Instituto Marielle Franco postou a foto da dupla no Instagram

“Pensar em fotografia



Um túnel do tempo para a alegria

Com o adiamento do carnaval para fim de abril, a nostalgia marca os apaixonados pela folia

EDU CARVALHO E HÉLIO EUCLIDES

Com o aumento nos casos de covid-19 e as incertezas sobre a realização do Carnaval 2022, os amantes da festa têm revisitado as lembranças do que já viveram e buscado alternativas para não deixar o sambar morrer. E quando se fala da folia das antigas na Maré, algumas das primeiras lembranças são os embalos do Bloco Mataram Meu Gato, da Nova Holanda, que depois virou a Escola de Samba Gato de Bonsucesso.

“O Gato foi fundado em 1999, a partir de uma fusão do Mataram Meu Gato, que era bloco”, conta **Mauro Camilo**, um dos criadores da agremiação. Longe do grupo B há dois anos, o Gato retornaria de maneira efetiva para os desfiles que acontecem na Intendente Magalhães, uma semana após os desfiles da série A. “Estamos trazendo o samba de volta, apesar de tudo, com muita compreensão e ajuda de todos. Por agora aguardamos a decisão da Liga Independente das Escolas de Samba do Brasil (Liesb) sobre a realização do desfile ou não”, diz Mauro.

Em janeiro, as prefeituras do Rio de Janeiro e de São Paulo anuncia-



Fevereiro nostálgico: registro de concentração do Bloco Relaxa em tempos de mais folia e menos preocupação

ram o adiamento dos desfiles das escolas de samba do grupo especial do carnaval para o fim de semana do feriado de Tiradentes, em abril. A Liga Independente das Escolas de Samba (Liesb) informou que as agremiações devem se apresentar nos dias 22 e 23 de abril no sambódromo, mas tudo ainda depende de como estará a taxa de contágio na cidade e da avaliação do comitê científico da Prefeitura.

Com a crise sanitária, as escolas

de samba e seus integrantes foram os mais prejudicados por conta do cancelamento do carnaval em 2021. “Tudo começou a ser feito pelo WhatsApp. Por ali temos encontros, reuniões. Com a pandemia, todas as escolas foram impactadas financeiramente”, lamenta Mauro. Segundo ele, se o cenário é difícil para as escolas do Grupo Especial, para a série B é muito mais complicado. “Ganhamos dinheiro vendendo cerveja, fazendo feijoadas, eventos dentro da quadra. É difícil, mas tentamos fazer da melhor forma”, diz.

Atualmente, o Gato tem em média oito compositores. Para a escolha do tema do desfile, o carnavalesco da escola cria um enredo e envia a sinopse para o time de compositores. Assim nascem os sambas, que serão defendidos por seus compositores em uma disputa — dela sairá a música que será defendida pela agremiação no carnaval.

Falta de apoio

Mas se engana quem acha que o Gato é o único a espalhar confete e serpentina por toda a Maré. Não se pode esquecer o Bloco Corações



Mulherada do Bloco Relaxa reunida em imagem de outros carnavais: desfile deste ano teve que ser adiado

Unidos, que empolgava o Morro do Timbau, e os três blocos no Parque União: Alegria do Parque, Boca da Ilha e Filhos do Parque. Assim que possível, a alegria vai ficar por conta da Escola de Samba Siri de Ramos e dos blocos Gargalo da Vila, Se Benze Que Dá e o novato Relaxa Que Dói Menos.

Marco Antonio é fundador e presidente do Bloco Gargalo da Vila, que este ano completa 20 anos de folia pelas ruas da Vila do João e Conjunto Esperança; por conta da chegada da variante ômicron ao Rio, ele cancelou o desfile da agremiação, mas promete que ela volta com força total em 2023.

Hoje, as escolas decidiram paralisar a confecção de carros alegóricos e fantasias. É o caso da agremiação Siri de Ramos que, até o momento, só escolheu o samba e realiza os ensaios na quadra localizada na Roquete Pinto. Seu presidente, **Edivaldo Pereira**, conhecido como Vadão, explica a frustração causada pelo impasse não só por conta do coronavírus, como entre as ligas organizadoras do carnaval carioca (a Liesb e a Liga Independente Verdadeira Raízes das Escolas de Samba, a Livres).

Vadão afirma que para ajudar os trabalhadores do barracão só recebeu uma ajuda do governo do Estado. “Estamos chateados, uma vez que falta apoio da gestão municipal. Tiramos do bolso para realizar os ensaios. São R\$ 1.500 por noite. Desde 2010, nunca vi uma situação tão complicada. Faço tudo pela escola, pois ela é um pedaço de mim. Brigo e choro, já que sou apaixonado pela Siri de Ramos.”

Como forma de convocar os moradores para o lançamento do carnaval na Praia de Ramos e em Roquete Pinto, acontece todos os anos o Siri Folia. Este ano, mesmo com o cenário complicado pela pandemia, a festa está marcada para o dia 13 de fevereiro, das 14h às 20h, com show das bandas Diz No Pé e Família Fuzuê. A organização explica que, para participar, o folião só precisa adquirir os abadás



Imagens antigas da escola de samba Corações Unidos reforçam a saudade do carnaval pré-pandemia

(a R\$ 60) que dão direito a bebida liberada. O evento acontece na Rua Mascarenhas de Moraes, ao lado do Piscinão de Ramos. Mais informações: 96414-5648, 97009-2313 e 96472-1976.

Criado em 2020 pelo sonho de cinco amigos, o Relaxa Que Dói Menos anunciou o adiamento do evento no período de carnaval devido ao aumento dos casos de covid-19. A previsão é de que o evento ocorra em abril. Com datas ainda a serem definidas, o evento vai contar com bebidas liberadas para os foliões que comprarem o kit com abadá, caneca e pulseira (R\$ 50). “Nosso bloco é de abadás, com samba, marchinhas e músicas de axé para animar todos os gostos”, conta **Andrea Souza**, conhecida como Bebel. O samba-enredo escolhido é “Se você se vacinou vem

pra cá, vem pro *Relaxa Que Dói Menos* sambar”, de Roberto Firmينو (o Pacol) e interpretado por Playmobil da Ilha.

O bloco é composto por 25 ritmistas, quatro mestres-salas, rainha, musa, madrinha e miss plus size. Para entrar no ritmo do samba, toda a diretoria já recebeu a terceira dose da vacina. “Lamentamos muito pela pandemia, pois temos a consciência que esse vírus ainda está por aí, e por isso orientamos todos a se vacinarem”, diz Bebel. Segundo ela, é muito bom a comunidade ter algo para se divertir. “Não temos alas, o bloco arrasta foliões por onde passa, aí a emoção é forte quando a bateria dá show”, conta. O bloco este ano conta com o apoio dos comerciantes locais e conseguiu um espaço no Parque Ecológico, onde realiza os ensaios.

SITUAÇÃO DO CARNAVAL DE RUA AINDA PODE MUDAR

Apesar do cancelamento do carnaval de rua no início do ano, ainda há uma ponta de esperança de que a folia seja liberada juntamente com desfiles de escolas de samba. Em entrevista à *CNN*, o secretário de saúde do Estado do Rio, Alexandre Chieppe, afirmou que não descarta a possibilidade de rever o cancelamento.

Já Daniel Soranz, secretário municipal de Saúde, acredita que, apesar da previsão de um cenário epidemiológico mais favorável no mês de abril, a impossibilidade de controle sanitário dos eventos nas ruas torna a questão mais difícil.

“Em relação ao carnaval de rua é tudo mais complexo. Tem uma organização para se fazer, mas é um carnaval sem nenhum tipo de controle sanitário. Bem mais complexo do que do que o carnaval na Marquês de Sapucaí ou um carnaval em local fechado”, disse em entrevista à *CNN*.

Adiamento, salvação possível do Carnaval das escolas de samba



AYDANO ANDRÉ MOTTA

Jornalista, escritor, torcedor do Flamengo e da Beija-Flor de Nilópolis, apaixonado por escolas de samba.

Guerras, ditaduras, cataclismas econômicos – por quase nove décadas, não houve hecatombe capaz de impedir o samba de sair em sua capital, o Rio de Janeiro. De 1932 até 2020, o desfile das escolas esculpiu a melhor cara da terra carioca, numa odisseia de força, paixão e arte que só a covid-19 conseguiu quebrar. Anterior aos cortejos na avenida, o carnaval de rua, em suas várias formas, atravessou os séculos, sendo abafado apenas pelas crises sanitárias – a gripe espanhola da década de 1910 e a pandemia atual.

Tambores de quadras e ruas silenciaram em 2021 e somente a maratona da Sapucaí – a princípio – ocorrerá em 2022, assim mesmo em abril, quando, sonhamos todos, a espiral da variante Ômicron do coronavírus terá minguado. O adiamento tem a ver com a pandemia e uma outra doença – o modelo excessivamente capitalista em que o show dos bambas está assen-

tado.

Montado em patrocinadores, patologicamente dependente da televisão, as escolas de samba apostaram, no século 21, muito mais no tamanho e na riqueza do que na arte despojada do carnaval. O autointitulado maior espetáculo a céu aberto do planeta (convém checar se na China ou na Índia, com seus bilhões de humanos, não há quermesses mais amplas) viciou-se em dinheiro num caminho sem volta. Vive toureando dívidas, produzindo calotes e maltratando trabalhadores. Frágil, sucumbiu à covid-19.

O adiamento de 60 dias tem potencial para viabilizar o desfile de 2022 e salvar o avião dos sambistas, que encarava pesadas turbulências em pleno voo. A mudança de data – sacrilégio a olho nu – espanta o constrangimento de patrocinadores e da TV Globo, temerosos de associar seus nomes e marcas a um desfile que poderia acontecer em meio a centenas de mortos pela covid-19. Com o avanço da Ômicron, ninguém consegue garantir que o cenário melhorará até 27 de fevereiro, o Domingo de carnaval. Assim, abril virou a solução possível.

Não será, obviamente, a mesma coisa. Muita gente sairá prejudicada

pela mudança – a começar pelos espectadores que compraram os inflacionados ingressos vendidos pela Liga Independente das Escolas de Samba e (no caso dos moradores de outros lugares) reservaram hotéis e passagens, mas não poderão estar na Sapucaí na sexta 22 e no sábado 23 de abril. Prejuízo que começa pela frustração e chegará ao bolso.

Pior ainda estão trabalhadores das escolas e prestadores de serviços que se beneficiam da folia, diante da nova ameaça a seus ganhos. Estudos contabilizam em 20 mil os cariocas que trabalham em torno da festa. Inexiste garantia de que o rendimento será o mesmo.

Com um pouco de perspectiva histórica e olhar mais panorâmico, enxerga-se facilmente que os problemas vão muito além do coronavírus. Em 1982, na então Rua Marquês de Sapucaí embrulhada em arquibancadas tubulares, pré-Passarela, o Império Serrano terminou campeão com o enredo *Bumbum, paticum-bum prugurundum*, com samba (de Beto Sem Braço e Aluizio Machado) que ofereceu versos proféticos: *Superescolas de samba S.A., super-alegorias/ Escondendo gente bamba, que co-*

vardia. A grandiloquência virou armadilha para o carnaval.

Um desfile do Grupo Especial que tiver alguma ambição na disputa não sairá por menos de R\$ 10 milhões. As receitas fixas – direitos de transmissão, venda de ingressos e subvenção (quando o prefeito simpatiza com o furdunço) – não chegam a tanto. E ainda tem os compromissos a serem honrados, do salário de trabalhadores e artistas ao funcionamento das quadras e dos barracões, no restante do ano. A conta não fecha.

O profissionalismo pedestre das escolas vive aos tropeços, pelos solavancos da economia e os ventos da política. A pandemia evidenciou a urgência de outro modelo, com mais holofotes nos sambistas e menos pirotecnia à Las Vegas. O encanto está lá, desde sempre. Prescinde do circo importado de manifestações alienígenas.

Por fim, sonho de copo meio cheio: em abril, a covid-19 estará mais amena e o desfile marcará o renascimento. E o mundo poderá cantar os versos do samba da campeã Viradouro numa apoteótica celebração:

*Carnaval, te amo
Na vida és tudo pra mim*

Todo o charme da mulher plus size

Moradora da Vila dos Pinheiros, Fanny aborda a importância de amar a si própria além dos padrões impostos pela sociedade



ARQUIVO PESSOAL

Modelo participou do projeto Musa Evolução Plus Size e do evento Bazar Flora Cruz, na quadra da Império Serrano

HÉLIO EUCLIDES

O mercado de vestuário para tamanhos acima do 46 teve crescimento de 8% em 2018, segundo dados da Associação Brasileira de Plus Size. Stefany Souza, de 23 anos, moradora da Vila dos Pinheiros, percebeu o *boom* deste setor e resolveu se dedicar às passarelas dos concursos de beleza, tornando-se modelo plus size. Mesmo tão jovem, Stefany incentiva mulheres a amarem seus corpos do jeito que eles são.

Nas passarelas, ela é conhecida como Fanny Souza. Vista como uma mulher fora dos padrões pela sociedade, a mareense nunca se deixou levar pelos comentários negativos e resolveu buscar seu lugar no universo plus size. “Achava as modelos lindas, porém sempre me escondia um pouco. Comecei a gravar vídeos dançando no aplicativo TikTok e fui ganhando alguns seguidores e elogios”, diz. Esse reconhecimento acabou sendo o impulso que a levou ao mundo dos concursos de beleza.

O primeiro foi o de Miss Garota Plus Size, no qual fi-

cou em terceiro lugar, ganhando um ensaio fotográfico profissional. A partir daquele momento, se renovou e foi com tudo para as passarelas. Participou do projeto Musa Evolução Plus Size - RJ e depois do evento Bazar Flora Cruz, na quadra da Império Serrano, recebendo o título de campeã. “Confesso que sempre dá um frio na barriga, mas respiro fundo e desfilo como a menina mulher que sou: divertida, brincalhona, sorridente e cheia de caras e bocas. Talvez seja esse carisma que transborda na passarela e que encanta os jurados”, afirma.

A modelo que supera o padrão

A Pesquisa Nacional de Saúde, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2019, mostrou que a proporção de obesos na população acima de 20 anos mais que dobrou no país entre 2003 e 2019, passando de 12,2% para 26,8%. Nesse período, a obesidade feminina subiu de 14,5% para 30,2%, enquanto a masculina passou de 9,6% para 22,8%. A amostragem

da pesquisa envolveu 108 mil domicílios no Brasil. O Índice de Massa Corporal (IMC) é utilizado para saber se uma pessoa se encontra no peso ideal. O cálculo é feito dividindo o peso pela altura ao quadrado. Se o resultado final ultrapassar 25,0 a pessoa está acima do peso.

“Jamais vou romantizar a obesidade. É uma doença sim, e temos que nos cuidar. Mas essa barreira que colocam de que uma pode e outra não, pelo tom da pele ou pelo seu biótipo, é desnecessária. Confesso que eu amo comer! Porém, sempre tomo um detox, faço aulas online de zumba. Minha família tem doenças crônicas e infelizmente passei a ter pressão alta depois de ser mãe, então tenho receio de desenvolver a doença”, diz a modelo de 1,83m. Ela conta que veste 58, mas que não revela o peso.

Além de modelo, Fanny é massoterapeuta e se prepara para se aventurar no mundo do samba. Recentemente, ela foi eleita Miss Plus do Bloco Relaxa Que Dói Menos, da Maré: “Acho que essa é a oportunidade na comunidade de as mulheres fora do padrão serem representadas e se inspirarem em mim.” A modelo reclama que no território as lojas só trabalham com roupas de tamanho padrão, deixando as mulheres com numeração acima de 56 sem opções do que vestir.

Essa é uma das muitas barreiras que ela precisa superar todos os dias. “É um pouco difícil ser uma mulher gorda e estar numa carreira que, para algumas pessoas, só as magras estão aptas a seguir. Por isso, tento não me deixar ser atingida por algumas palavras maldosas”, conta. Ela revela que até dentro dos concursos há dificuldades, como concorrer com mulheres de biótipo magro, na numeração 44, algo que a

deixa um pouco desconfortável. “Porém, sempre com minha autoestima elevada e amando a experiência, eu me surpreendo comigo mesma a cada desfile”, explica.

Para fortalecer sua caminhada, sua mãe sempre a incentiva e vai a todos os desfiles. “Ela é a minha maior inspiração, mulher guerreira e de pulso firme. Além de mãe e filha, somos melhores amigas. Ela é minha pitbull”, brinca. Fanny também tem apoio do pai do seu filho, que está sempre presente e ajuda na divulgação das redes sociais. No mundo das famosas, a modelo plus size da Maré se espelha na bailarina Thais Carla, na cantora Jojo Todynho e na influenciadora digital Flora Cruz.

Para 2022, Fanny pretende fazer parcerias, realizar ensaios fotográficos e levar o nome da Maré para outros lugares. Ela fez um workshop de passarela e pretende repetir a dose, agora com um de poses para os ensaios. Para as mulheres da Maré, ela manda um recado: “Estamos nos empoderando e mostrando a diversidade de corpos para que o processo de aceitação seja contínuo. Sejam livres, leves e soltas. Livre o seu corpo dos padrões de beleza e seja sua própria inspiração”, conclui. Para quem deseja conhecer mais Fanny Souza, é só segui-la no Instagram: @Fanny_plussize.

ARQUIVO PESSOAL



Fanny tem trabalhos como modelo no currículo

Eu vou chamar o síndico

Amado ou odiado, o gestor do condomínio pode até mesmo trabalhar de graça pelo bem comum

HÉLIO EUCLIDES

Quem já não cantou o clássico *Tira essa escada daí/Essa escada é prá ficar/Aqui fora/Eu vou chamar o síndico/Tim Maia! Tim Maia!?* O cantor e compositor foi eternizado na música de Jorge Benjor pelo apelido de “síndico” por ser ranzinza e sempre exigir que o som em seus shows fosse, no mínimo, perfeito (Tim Maia foi síndico do prédio onde morava, na Barra). O apelido carinhoso brinca com a relação de amor e ódio que todo mundo tem com o gestor e representante legal do condomínio, eleito por assembleia — para o bem ou para o mal.

Segundo a Associação Brasileira de Síndicos e Síndicos Profissionais (ABRASSP), há 68 milhões de pessoas que moram em condomínios no Brasil, administrados por 421 mil síndicos e síndicas; des-

MATHEUS AFFONSO



Sônia Ramos é síndica há cinco anos do Condomínio Padre Manoel da Nóbrega, ao lado da Paróquia Nossa Senhora dos Navegantes, na Baixa do Sapateiro

tes, 39.189 estão no estado do Rio de Janeiro. Alguns transformaram o serviço em profissão: são os síndicos profissionais, carreira ainda não regulamentada. Na Maré, os síndicos são moradores que desejam o melhor para o espaço comum, como nos conjuntos Pinheiros e Esperança e na Baixa do Sapateiro.

Quem sabe muito bem o que é ser síndica é **Adélia Fernandes dos Santos**, de 71 anos, que atua na metade do Bloco 106, no Conjunto Esperança. Ela ensina que é necessário ser compreensivo e ter disposição de trabalhar. “É fundamental que todos se respeitem. É preciso ter organização, o que elimina a bagunça. Mesmo que seja como uma firma onde tem que ter autoridade, precisamos ver o prédio todo como nossa própria casa, que sempre precisa de cuidados e limpeza. Ser síndico não é só cuidar do dinheiro de todos; deve-se mostrar para onde essa verba vai, fazer as obras necessárias e trazer novidades”, ensina.

Para Adélia, o papel dela é fazer o melhor para o condomínio, usando de cautela para não deixar as contas no vermelho (ela é contra a cota extra). No seu mandato, eliminou a lixeira interna, que atraía insetos, e no lugar dela fez um banheiro

para ser usado durante as festas — todas, aliás, com regras para acontecer. “É preciso autorização e horário para o fim. Se alguém vai montar piscina no terreno do prédio é preciso autorização”, destaca. O condomínio, além das obras, contratou uma zeladora para a limpeza geral.

A contribuição de cada morador é de R\$ 60 mensais. Por conta do valor reduzido, não há inadimplência mas, se porventura ela acontecer, Adélia procura o morador para saber o motivo. “Pode estar em situação de doença ou desemprego, então fazemos um acordo de parcelamento. Na pandemia, a associação de moradores ajudou com cestas básicas muitos dos que estavam em condição difícil; ela é parceira dos síndicos”, diz.

Pedro Francisco, presidente da Associação de Moradores do Conjunto Esperança, confirma a colaboração: “Juntos, construí-

MATHEUS AFFONSO



Segundo associação, há 68 milhões de pessoas que moram em condomínios no Brasil, com 421 mil administradores

mos uma comunidade melhor a cada dia. São homens e mulheres que trabalham sem salários e sem reconhecimento por parte de muitos moradores, mas que abrem mão muitas vezes dos seus afazeres e de suas famílias para cuidar do bem coletivo.”

Mas nem todos gostam do título de síndico pela responsabilidade que o cargo representa. É o caso de **Jacy José da Silva**, de 68 anos, morador do Conjunto Pinheiros. Ele prefere ser definido como um colaborador na organização do Bloco 17. São quatro anos de luta para deixar sempre o prédio limpinho, apesar de não haver uma pessoa contratada para fazer a faxina. “Esse serviço de liderança não é bom nem ruim. Tem que ter jogo de cintura, pois é muito aborrecimento, em especial com a criançada bagunceira”, diz. “O segredo é que somos unidos, a maioria coloca a mão na massa, não há verba para muita coisa. Quando um não pode fazer algo, o outro ajuda. É preciso chegar junto, pois é um cuidado coletivo.”

A taxa mensal de condomínio é de R\$ 30 mas, apesar do pequeno valor, Jacy diz que há moradores que não pagam: “Por esse motivo, só podemos fazer obras quando juntamos o valor necessário. Não agradamos a todos. Mas uma certeza é que o prédio é um dos melhores do conjunto.”

Prós e contras

Se administrar a metade de um prédio é difícil, imagine nove blocos com 112 apartamentos. Esse é o dia a dia de **Sônia Ramos**, de 64 anos, síndica há cinco anos do Condomínio Padre Manoel da Nóbrega, ao lado da Paróquia Nossa Senhora dos Navegantes, na Baixa do Sapateiro. “Dá dor de cabeça, mas não é ruim. Tem que saber conciliar, ter espírito de liderança e tratar a todos com igualdade. Isso é uma missão, pois não recebo nenhum pagamento”, conta.

Sônia dá dicas para quem deseja ser síndico, como não deixar as contas atrasarem, realizar manutenção como pintura, cuidar dos espaços, ter pulso firme e autoridade: “Um exemplo é que não se pode colocar roupa para secar na janela, faz parte da regra do condomínio, para que o ambiente não fique feio. Outro problema é a inatencionalidade, pois é da taxa de con-



Na Maré, síndicos geralmente são moradores que desejam o melhor para o espaço comum, como acontece no Conjunto Pinheiros

mínio que tiramos o salário do zelador e realizamos obras.” A família dela não gosta muito pela quantidade de trabalho que a síndica acumula, mas não há nada que afaste Sonia do cargo: ela é candidata a mais um ano de mandato.

Para ajudá-la nessa missão, **Jielho Santana**, de 51 anos, é o administrador do condomínio há seis anos, depois de cumprir mandato como síndico por oito. “É uma parceria entre os dois cargos. Tem pepinos, mas é legal a convivência com as pessoas. É preciso responsabilidade, levar o cargo a sério, economizar para realizar as obras, pensar que o condomínio é uma empresa, ser flexível para acordos, pois a

pessoa pode não estar passando por uma situação financeira boa, e não tratar os assuntos com mão de ferro, para não ganhar inimigos”, afirma.

Na gestão dos dois foi contratada a pintura dos prédios, além da manutenção das benfeitorias. Ambos destacam que há dois anos não há a necessidade de cotas extras. “Percebo que o serviço da síndica e do administrador não é fácil; o trabalho deles é de muita importância para que não haja desorganização. Se não fossem eles, os moradores fariam de qualquer maneira, seria uma confusão geral. Tenho orgulho de viver aqui”, conclui **Elma Avelino**, moradora do local.

LEIS E REGRAS PARA SER SÍNDICO

A eleição do gestor dos condomínios hoje não está mais a cargo do que estipula o regimento interno de cada prédio: sua função é regulamentada pela Lei nº 10.406, de 2002, dentro do chamado Código Civil dos Condomínios, que descreve suas competências e os deveres:

“Art. 1.348. Compete ao síndico:

- I - convocar a assembleia dos condôminos;
- II - representar, ativa e passivamente, o condomínio, praticando, em juízo ou fora dele, os atos necessários à defesa dos interesses comuns;
- III - dar imediato conhecimento à assembleia da existência de procedimento judicial ou administrativo, de interesse do condomínio;
- IV - cumprir e fazer cumprir a convenção, o regimento interno e as determinações da assembleia;
- V - diligenciar a conservação e a guarda das partes comuns e zelar pela prestação dos serviços que interessem aos possuidores;
- VI - elaborar o orçamento da receita e da despesa relativa a cada ano;
- VII - cobrar dos condôminos as suas contribuições, bem como impor e cobrar as multas devidas;
- VIII - prestar contas à assembleia, anualmente e quando exigidas;
- IX - realizar o seguro da edificação.”



Delícias que cabem no bolso

CREME DE ABACATE

INGREDIENTES:

- 1 lata ou caixa de leite condensado (395g)
- 2 abacates médios maduros
- 3 colheres (sopa) de suco de limão

MODO DE PREPARO:

Em um liquidificador, bata o leite condensado, os abacates e o suco de limão. Despeje o creme em uma tigela ou em taças pequenas e leve-o à geladeira por aproximadamente uma hora.

RENDIMENTO:

6 porções.



PALAVRAS CRUZADAS

www.coquetel.com.br

© Revistas COQUETEL

O português que habitava o Brasil (séc. XVI)	Local da prisão domiciliar	Estado brasileiro criado em 1981 (sigla)	Sua sede é o Palácio da Guanabara (RJ)	Cidade devastada por rompimento de barragem (MG)
Foram condenados pelo Tribunal de Nuremberg			"(?) mais?": pergunta do guloso	
Que produz um movimento				Locais de exibição de orquestras
		(?) de Milo: obra-prima da escultura grega		
Apoio (fig.)			De (?) para lá: de um lado para o outro	
Medição da receita médica			Caloria (símbolo)	
		Vogal entoadada no vocativo	Cúteis	
Órgão de formação de industriários	Ação própria do cavaleiro Lã			
Ramalho Ortigão, escritor português	Mata (?), bioma mais devastado do Brasil	Meia brasileiro da Copa de 1994 (fut.)	Inglês de Sousa, escritor paraense	
Tempero que pode derreter lesmas		Marcelo (?), jornalista Amigo do Homer (TV)		
			Antecessor de Lula (sigla)	
Ligadas por estreita amizade	"Octa", em "octaedro"		Desinência dos verbos de segunda conjugação	
Onomatopéia de pancada	Estampa de bolinhas	(?) logo: é dito na despedida		Grande (?), ator e comediante mineiro
Badala as horas		Mestre de (?), função na construção civil	Rocha, em francês Jet (?), ator chinês	
			"Doce (?)" comédia romântica (Cin.)	
Maior cidade da Turquia	Precede o filme no cinema (ing.)			
Saque indefensável no vôlei	O metal das latinhas de cerveja (símbolo)		O volume do som nos shows de rock	
Vestis usadas em "Caminho das Índias" (TV)		O deus do amor, na Mitologia grega		

BANCO 2./1./3/ace — moe — roc. 7/montada — trailer.

69

MARÉ DE DIREITOS

Atendimento gratuito com advogadas, psicólogas e assistentes sociais

Você também pode ter acesso ao atendimento do Maré de Direitos online, pelo nosso WhatsApp.



- Vila dos Pinheiros:** Quintas-feiras, de 13h às 17h
Redes da Maré Pinheiro
Via A1 s/nº - anexo do CIEP Ministro Gustavo Capanema
- Nova Maré:** Quintas-feiras, de 9h às 12h
Lona Cultural Municipal Herbert Vianna - Rua Evaniildo Alves, s/nº
- Nova Holanda:** Sextas-feiras, de 9h às 13h
Redes da Maré Nova Holanda
Rua Sargento Silva Nunes, 1012
- Parque União:** Sábados, de 9h às 13h
Casa das Mulheres da Maré [apenas mulheres]
Rua da Paz, 42

(21) 99924-6462

www.redesdamare.org.br

TODO O UNIVERSO DE MAGIA DA LUCAS TOON PARA VOCÊ COLECIONAR E SE DIVERTIR

JÁ NAS BANCAS!

Ediouro

© 2021 Lucas Neto Studios

Solução

S	O	R	E	S	I	R	V	S	
O	L	V	L	V	A	C	E		
R	E	L	I	V	A	T	I		
E	L	T	O	R	M	A	V	A	S
C	O	H	O	D	O	N	I	S	
N	A	R	E	A	P	Z			
O	O	I	T	O	L	V			
C	H	F	S	V	I	T	N	I	
E	N	Z	R	T	V	S			
S	I	E	O	V	A	V	A		
V	D	V	I	N	O	M	O	R	
L	D	A	R	I	V	A	N	E	S
V	W	E	G	E	S	O	D		
S	U	N	E	L	A	V	T	I	P
S	O	T	O	M	O	C	O	L	
B	B	G	R	C					

O MARÉ DE NOTÍCIAS TAMBÉM É SEU!

Fale com a gente!

(21) 97271-9410